

AUGUSTO HENRI

RUSGAS

APOIO FINANCEIRO:



SECRETARIA
DE CULTURA



MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO



SECULT BA, 2024

RUSGAS

Organização

Augusto Henri

Performer convidado

Diego Alcantara

Fotografias

Marcio Santos

Texto

rafael amorim

Design

Luíso Camargo

Rusgas / Augusto Henri, organizador. - Salvador : SECULT/BA, 2024.
11 p. : il.

ISBN 978-65-01-35281-7

1. Corpo. 2. Ensaio. 3. Performance.

rusga é um movimento de revolta.

na série rusgas (2024), duas pessoas performam seus próprios corpos com elementos que servem como próteses ao emaranhado de gestos registrados: um véu transparente, cordas, calcinhas e um colar de pérolas. próteses tensionadas enquanto alusão às suas condições de dispositivos de controle de gênero e sexualidade. são seus corpos que conduzem tais objetos a algo além de seus rastros iconográficos enquanto dos dispositivos de controle. mesmo assim, a rusga registrada na obra fotográfica de augusto parece revelar uma luta pela sobrevivência de uma das partes. não se tratando, no entanto, de uma briga entre augusto e seu par, mas, entre ambos e sua audiência mundana. uma espécie de redistribuição da violência, como propõe jota

mombaça, para que esta não seja confundida com um projeto de generalização da violência (1) sem estar vinculada a um atestado do trauma. as rusgas apresentadas na obra de augusto são imagens construídas no ímpeto da quebra entre a dança e o ritual, entre as perguntas e respostas a partir do trauma e da violência sem precisar se deter a estas agências enquanto sentido primordial ao trabalho. sua naturaliza a busca pela companhia do outro, a construção política das alianças que tornam da nossa existência marginal um extenso repertório das comunidades com as quais nos identificamos e nos tornamos também esse outro. se antes, o álbum de família poderia nos colocar diante das violências impostas pelas performances masculinizantes, nas rusgas trazidas pela poética da quebra de expectativa, são produzidos retratos que desmontam a lógica familiar patriarcal ao abrir

camadas de sentido para palavras como identidade, pertencimento e comunidade. esse álbum que parte de um referencial recém-adquirido, nos permite reconhecer que não somos apenas *campos de batalha ou ondas de horror, mas os espíritos de nossas comunidades e os espelhos de nossa sociedades quando a história, em sua luta, constantemente se esforça para apagar nossas histórias das prateleiras* (2), dos museus, arquivos e de todos os outros álbuns. dois corpos ligados pela própria penumbra, disponíveis um ao outro. no jogo cênico entre as ambiências, o claro-escuro permite um aprofundamento mais sensível às noções de morte, vida e reencantamento. o véu dividido por ambos, antes mortuário, é feito de cordão umbilical que produz alguma opacidade em suas imagens, dificultando a rápida leitura de seus inimigos.

trata-se de uma tecnologia para reinventar a figuração de si. o conjunto de retratos de augusta parece sussurrar que estamos cansadas e estamos também furiosas. há momentos em que desejamos tão firmemente a abolição de todas as coisas feitas através de nossa morte social que sentimos a terra estremecer à nossa volta. então damos as mãos, e recusamos também o medo, para desejar juntas que a terra vibre o apocalipse deles desta vez (3). então, damos as mãos, as cabeças e outras partes do corpo para reencantar o mundo e abrir fissuras iconográficas. em uma das fotografias, um raio de luz rompe a escuridão e é observado pela dupla. a brancura da luz é evidenciada como corpo-estranho a invadir o breu, investigada por olhos altivos. ela, a luz, não revela a imagem, apenas perfura a relação figura-fundo, proporcionando dubiedade cênica.





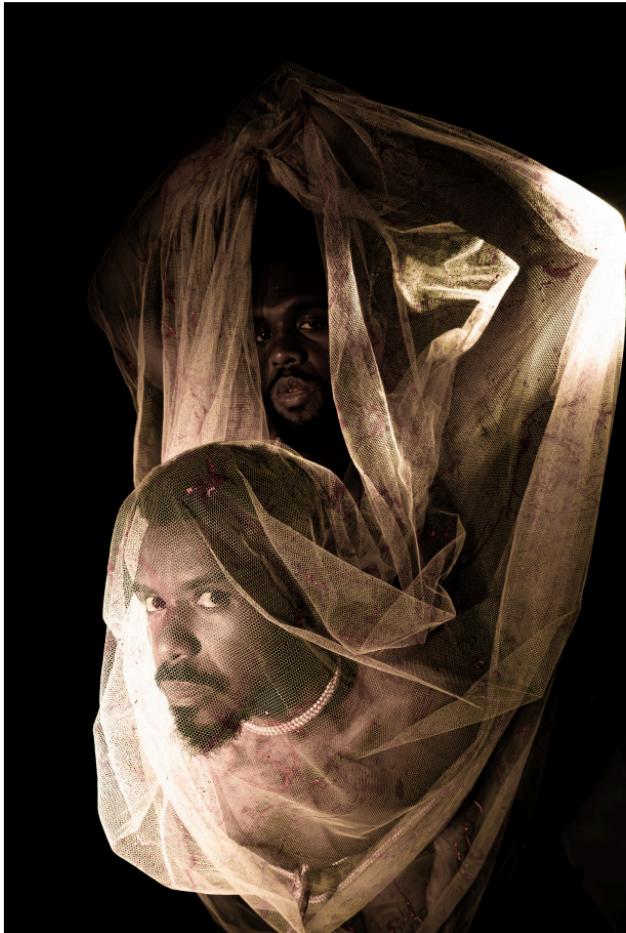
jamais saberemos o que há no fora e, no entanto, quando ambas as figuras encaram sua audiência com alguma frontalidade, pode haver uma menção alegórica à luz enquanto o olhar inquisidor a categorizá-los. assim, as rusgas empreendidas na retomada pelas narrativas embaralha intencionalmente os pontos cardeais, talvez um corpo fraturado não precise de bússola (4) para embaralhar as dimensões do dentro e do fora, de quem olha e de quem é visto.

não há mundo de pé sem nossos corpos para estruturá-lo e a obra de augusto compõe um gesto de rasura performativa nas imagens de um mundo ordenado. o que aqui pode ser entendido como uma quebra com as leituras causadas pelos protocolos e pactos sociais de uma norma caduca em suas próprias estruturas. sob essa perspectiva, somos o resultado de uma composição da indisciplina,

da quebra e do confluir entre a retomada dos saberes afroinspirados e originários, em que utilizamos da linguagem (escrita, imagética etc) que nos quer inspecionar, forjando nossas gambiarras enquanto metodologia de pesquisas que privilegiam os saberes despontados pela nossa capacidade de gestar oralituras. neste sentido, leda maria martins volta a apontar que *“no âmbito da oralitura gravitam não apenas os rituais, mas uma variedade imensa de formulações e convenções que instalaram, fixam, revisam e se disseminam por inúmeros meios de cognição de natureza performática, grafando, pelo corpo imantado por sonoridade, vocalidades, gestos, coreografias, adereços, desenhos e grafites, traços e cores, saberes e sabores, valores de várias ordens e magnitudes, o logos e as gnoses afroinspirados, assim como diversas possibilidades de rasura dos protocolos e sistemas de fixação”*

excludentes (5). sendo esses meios de cognição performática um modo de abrir espaço para intelectualidades incrustadas nesse corpo que trava embates relacionais com os modos de representação de sua diferença.







o que pode, então, a imagem de dois corpos livres? quais arquivos e álbuns ela constitui e destroi, em simultâneo? forjamos nossa diferença como gesto para quebrar a ética do retrato: sua placidez de uma neutralidade fingida, do engano. assumimos essas imagens em que não estamos a sós, somos também o outro, porque a afroinspiração nos ensina que nossa cultura é “de dupla face, de dupla voz, e expressa, nos seus modos constitutivos fundacionais, a disjunção entre o que o sistema social pressupunha que os sujeitos deviam dizer e fazer e o que, por inúmeras práticas, realmente diziam e faziam.” (6) respondendo com rusgas ao desequilíbrio da linguagem e implantando nossa indisciplina, nossos gestos, nossa desconformidade e nosso apetite voraz em criar.

-
- (1) MOMBAÇA,Jota. Não vão nos matar agora.- 1. ed.- Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. p. 80-81.
 - (2) MASHEANE, NAPO. A história delas. trad. Jorio Dauster. In. Zum #18. São Paulo: Instituto Moreira Sales, Jun. 2020. p. 119.
 - (3) MOMBAÇA,Jota. Não vão nos matar agora.- 1. ed.- Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. p. 97.
 - (4) LITRENTO, Lucas. Pretovírgula.- São Paulo: Círculo de poemas, 2023. p. 36.
 - (5) MARTINS, Leda Maria. Performances do Tempo Espiralar-Poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2021. p. 41-42.
 - (6) MARTINS, Leda Maria. Performances do Tempo Espiralar-Poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2021. p. 46.

Leia o texto na íntegra em:
www.derivaneios.com

RUSGAS

AUGUSTO HENRI

2024

APOIO FINANCEIRO:



SECRETARIA
DE CULTURA



LEI
PAULO
GUSTAVO

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

